

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME III

LVII
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

UM DEPOIMENTO SOBRE A VIDA ECONÔMICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XVIII (*).

(Resumo).

**ANTONIA FERNANDA P. DE ALMEIDA
WRIGHT**

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Dentre os inúmeros impressos e manuscritos da seção de manuscritos e documentos raros da Biblioteca Lilly, Universidade de Indiana, Bloomington, Estados Unidos, encontram-se os chamados *Manuscritos Stuart*. São documentos na maioria originais, incluindo também algumas cópias bastante antigas e alguns poucos impressos. Foram adquiridos com a coleção chamada MENDEL.

A própria sequência desses documentos já é bastante sugestiva e a sua origem e razão de ser ainda mais interessam ao historiador brasileiro.

Trata-se de uma coleção de documentos datados entre 1730 e 1841, destinados originalmente a *instruir* Sir Charles Stuart, Barão Stuart de Rothesay, Cavaleiro do Império Britânico e diplomata que iniciou sua carreira em 1810, para uma importante missão no Brasil. Essa missão, como é bastante conhecido, foi a obtenção de um tratado comercial para a Grã-Bretanha ao mesmo tempo que promovesse o reconhecimento da Independência brasileira em termos que não perturbassem a tradicional aliança anglo-lusitana.

Tarefa árdua que marcou a vida de Stuart, precipitando o encerramento de sua carreira diplomática alguns anos após sua permanência no Brasil, que ocorreu em 1825 (**), e durante a qual sua con-

(*) . — Comunicação apresentada na 4.^a sessão de estudos, Equipe B, no dia 4 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(**) . — Em começo de janeiro de 1825, os Jornais ingleses já publicavam notícias de sua nomeação como embaixador junto ao Imperador do Brasil e que, a caminho, deveria aportar em Lisboa para antes encontrar D. João VI. Cf. Alberto Prinze, *Os dois ingleses: Strangford e Stuart*. Arquivo Nacional e Conselho Federal de Cultura. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1972, p. 56.

duta dos negócios atraiu a ira do poderoso George Canning apesar das excepcionais vantagens obtidas pela Grã-Bretanha a partir das negociações de Charles Stuart. Deixando de lado tais fatos, já conhecidos, um simples relance na documentação que serviria de apôio para Stuart em sua importante missão na corte do Império do Brasil revela-nos interessantes documentos como uma carta de Canning relatando as concessões feitas pelo “Haiti e ou Sto. Domingo”, à França por ocasião do reconhecimento da Independência do país, iniciando com a realização de um “pagamento em bloco” de 150 milhões de francos à mãe pátria secundada pela concessão de vantagens aduaneiras superiores a qualquer outro país estrangeiro por certo uma das fontes de “inspiração” do diplomata britânico que negociava com o Brasil.

Cópias de cartas régias como a de 8 de fevereiro de 1730 ao governador e Capitão general da Capitania de Minas Gerais também constante da Coleção Stuart e relativa ao descobrimento de diamantes (“humas pedras brancas”) de que se mandavam amostras não são de molde a permitir nenhuma dúvida à propósito das intenções e interesses primordiais da nação que se preparava para tornar-se a virtual metrópole brasileira.

Para demonstrar porém que um interesse de tal ordem nos negócios do Brasil não se limitava apenas às pedras preciosas ou ao ouro a respeito do qual existem inúmeros documentos e que ainda um tal interesse era vasado no mais perfeito *market survey* e avaliação das possibilidades econômicas do Brasil, existe um intrigante documento nessa coleção que se denomina: “Extrato do Almanaque da Cidade do Rio de Janeiro para o ano de 1793”.

Escrito naturalmente na grafia da época, sugerindo sua cópia no próprio século XVIII e por volta do ano em questão, o documento principia desfiando, em ordem alfabética, os nomes dos negociantes da cidade do Rio de Janeiro em 1793. Eles enumeram cerca de 150 pessoas.

Em seguida vem o número de lojas a varejo que perfaz 150. Há 38 boticas, 16 casas de café e licores, 14 lojas de louças da Índia, 18 lojas de ferragem, 17 casas de pasto, 21 estancos de tabaco, 90 lojas de alfaiate, 111 de sapateiros, 21 de funileiros e 4 de entalhadores; 21 lojas de ferreiros, 10 de serralheiros e 10 de caldeireiros, 1 de livreiros, 38 de marceneiros, 232 tavernas, e armazens e outros mais estabelecimentos que apenas nessa pequena amostra já dão a entender claramente as muitas sugestões contidas nessa cópia de almanaque do século XVIII para a cidade do Rio de Janeiro.

As embarcações portuguesas entradas no ano de 1792 totalizam 629. Estrangeiras em arribadas somam 12. Há 1 “americana mercante” por sinal.

As mercadorias entradas no porto com a procedência e sua eloquente significação como por exemplo três mil e tantas arrobas de CHOCOLATE de Portugal e 167 arrobas de pimenta da Índia e mais quase duas mil e quinhentas arrobas de manteiga que mais tarde a Inglaterra exportaria diretamente, e nas Via Portugal como os 28 “caixões de queijos ingleses” que envia em 1792 para o Rio de Janeiro.

É interessante notar ainda os de carneiros e porcos chegados por via marítima (cerca de 2 mil cabeças) e, finalmente, o número de escravos que chegaram, 8.412 contra 875 mortos em viagem, cifras que por si só já são história.

Casamentos, batizados, número de mortos, de doentes que entraram no Hospital Militar e no Hospital da Misericórdia, bem como a afirmação de que entre 1738 e 1792 o Instituidor recebera 4.700 “expostos” bem como o número 366 para a quantia geral de baleias mortas nas diversas armações, são parâmetros assaz significativos para quem se interesse pela história do passado da urbs carioca em época tão distante.

Há muito mais como o número de barras de ouro entregues na Intendência do ouro no Rio de Janeiro, em 1792; como o número de engenhos de açúcar por distrito, das fábricas de anil e “de arroz”.

Tudo isso para instruir um “processo” de preparação do diplomata que viria tratar do reconhecimento da Independência do Brasil.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Da Prof.^a *Helga I. L. Piccolo* (UFRGS).

Pergunta: as instruções recebidas por Stuart explicam o porque do acompanhamento de informações da natureza do “Extrato do Almanaque da Cidade do Rio de Janeiro para o ano de 1793”?

*

Da Prof.^a *Eni de Mesquita* (FFLCH/USP).

Pergunta: se além dos documentos que colocam em evidência a situação da praça de mercado no Rio de Janeiro, existem cartas que se referem diretamente a esse mesmo aspecto? Qual o significado de uma economia colateral para o tipo de trabalho executado?

* *
*

RESPOSTAS DA PROFESSORA ANTÔNIA FERNANDA DE
ALMEIDA WRIGHT.

À Prof.^a *Helga I. L. Piccolo*.

Disse que não há nessas instruções outras referências ao documento. É quase certo, porém, que ele já fizesse parte do *dossier* relativo ao Brasil e quase certamente foi usado anteriormente por outros diplomatas como, por exemplo, Strangford que obteve o tratado de 1810 do governo português. Esse documento é essencialmente válido pelas suas sugestões no sentido de reformularem-se conceitos anteriores.

*

À Prof. *Eni Mesquita*.

Respondendo, disse que no rápido exame por ela feito não encontrou tais cartas. Seria interessante, porém, verificar os documentos da Junta de Comércio, procurando os nomes dos negociantes em pauta. Seria ainda interessante comparar as informações do mesmo com trabalhos já conhecidos como, por exemplo, o *Relatório* do Marquês do Lavradio, como lembrou com bastante felicidade o Prof. Brasil Pinheiro Machado.